

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo Class.: PCTRO086
Data: 31/01/94 Pg.: 5-1

'Capitalismo Selvagem' ironiza telenovela

O diretor André Klotzel e Fernanda Torres falam sobre o filme que a Folha exhibe em pré-estréia amanhã

JOSÉ GERALDO COUTO
Da Reportagem Local

"Capitalismo Selvagem", que tem pré-estréia amanhã, promovida pela Folha, é o segundo longa-metragem de André Klotzel. A exemplo do primeiro, "A Marvada Carne" (1985), sua estrela é Fernanda Torres.

O filme conta em tom irônico a história de um empresário inescrupuloso (José Mayer) que descobre de repente, graças a uma jovem jornalista (Fernanda Torres), que é o único sobrevivente de uma tribo indígena dizimada (leia texto abaixo).

Nesta conversa com a Folha, à mesa de um restaurante paulistano, Klotzel, 40, e Fernanda, 28, falaram sobre o filme, teatro, cinema, novela e índios.

Folha - Uma coisa intrigante em "Capitalismo Selvagem" é que, como o filme alterna vários gêneros, a interpretação dos atores também muda...

André Klotzel - Cada cena tem uma situação diferente. A cada mudança de cena, parecia que a gente estava fazendo outro filme. A cena do tapa, por exemplo, parece de novela mexicana. Outras são mais documentais. Como o filme constrói sua linha em torno da citação de um monte de coisas, cada cena tem um clima próprio. Mas tem coisas que seguram: o José Mayer, por exemplo, mantém a mesma linha até o fim. Agora, toda a transição está na Fernanda...

Fernanda Torres - Meu personagem vai caindo irremediavelmente na paródia. No começo, ela é uma jornalista toda independente e tal, mas, como toda mocinha, "o amor a faz sucumbir à vida" (risos). Aí, não tem jeito. A coisa é irônica mesmo.

Folha - Sua atuação em "Capitalismo" brinca com a dramaturgia das novelas. Você tem uma relação de "amor e ódio" com a TV, como outros atores?

Fernanda - Não, de jeito nenhum. Só que depois de "Selva de Pedra" eu cheguei à conclusão de que não aguentava ficar oito meses numa novela, que sentia falta do trabalho de equipe, que não podia receber toda semana meu script, decorar e trabalhar que nem um cavalo durante a semana. Percebi que apenas gravava cenas, não tinha nenhum trabalho inteligente em cima daquilo. Alguns atores têm, conseguem elaborar e, apesar do trabalho gigantesco, ter autoria nas novelas. Eu não conseguia e isso me deu um susto enorme. Além do mais, peguei "a" novela: "Selva de Pedra". Era uma novela da Janete Clair de 20 anos atrás: é inacreditável. Eram cenas assim: eu numa cadeira de rodas, toda enfaixada, fugindo no aeroporto, berrando: "Cris, Cris!" (risos). Fazer Janete Clair é uma experiência que você nunca esquece. Mas adoro novela, adoro ver. Acho genial que exista no Brasil essa indústria de imagens



Juan Esteves/Folha Imagem



Divulgação

O diretor André Klotzel e a atriz Fernanda Torres numa rua dos Jardins, em São Paulo; à esquerda, Fernanda Torres numa cena de 'Capitalismo Selvagem', filme de Klotzel que tem pré-estréia amanhã

—e acho genial também que existam atores que sobrevivem fora dela. Acho genial que Regina Casé tenha ido para dentro da Globo e montado uma equipe para fazer algo diferente das novelas.

Folha - "Capitalismo" parece estar sempre prestes a cair no deboche, mas se contém...

Klotzel - Eu tinha o maior medo de fazer um filme que fosse parasita de outra linguagem, que ficasse com cara de escaço de novela. A idéia era usar o melodrama de uma maneira insólita, mas não óbvia, reorganizar aquele repertório de outro modo.

Fernanda - Eu me lembro que o André me disse: "Eu queria fazer um filme que fosse todo falso."

Folha - Quanto tempo vocês filmaram na aldeia craô?

Fernanda - Três dias. Mas a gente filmou com os índios também em Brasília. Aliás, tem uma história maravilhosa. Havia os figurantes índios de Brasília, e no meio deles os índios de verdade. Uma hora vira o Adilson (Barros, ator do filme) para mim e pergunta: "Quem é índio de verdade e quem é figurante?" E eu: "Como

é que eu vou saber?" O Adilson: "Os figurantes estão descalços e os índios de verdade estão de sandália havaiana" (risos). Depois a gente foi de avião para Palmas, no Tocantins, e de lá pegou dois carros para ir até a aldeia, no norte de Goiás. Em todas as cidadezinhas do caminho, multidões de mulheres nos cercavam, gritando, histéricas, por causa do José Mayer. As cidades telegrafavam umas para as outras: "Ele está chegando" (risos). A gente tinha que trancar o Zé na Prefeitura, sair com ele escondido no carro. O Zé Mayer é o galã

número um do Centro-Oeste.

Folha - E na aldeia?

Fernanda - Foi a coisa mais legal da minha vida. Eu tinha filmado no Xingu o "Kuarup", mas no Xingu eles são ricos, são coloridos. Essa tribo craô é paleolítica mesmo. O lugar é lindo, a gente teve um contato afetuosos com eles. O André ganhou até nome: Poc'arocpé...

Folha - Que quer dizer o quê? Klotzel - Não sei.

Fernanda - Sabe, sim: é "casco de veado grande" (risos).

Folha - Teatro e cinema podem colaborar um com o outro?

Fernanda - Acho que os dois só têm a ganhar com uma aproximação. O teatro brasileiro está passando por um "boom" criativo, e isso pode ajudar o cinema. Por exemplo, o próximo filme do Walmir Salles, em que eu vou trabalhar, vai ter um elenco todo de teatro, com o Luís Mello e um monte de atores bons de teatro. Além disso, ele chamou a Daniela Thomas para co-dirigir. É uma maneira de aproveitar esse espírito de equipe do teatro.

Folha - Como é que vocês vêem a tentativa atual de reerguer o cinema brasileiro?

Fernanda - Eu acho que, como não há indústria, a maravilha de um filme brasileiro estaria talvez num risco total de linguagem, num não-respeito às convenções. Como o Glauber fazia. Você vê "Terra em Transe" e fala: "Meu Deus, isso é 'Mad Max' misturado com Eisenstein!" Um desrespeito total àquela coisa de "aos dez minutos, a mocinha encontra o mocinho..." Qualquer filme "z" americano é melhor que uma tentativa de cinema convencional no Brasil.

Klotzel - Mas o problema econômico também influi nisso. O cinema brasileiro perdeu espaço no mercado porque caiu a frequência aos cinemas. Os filmes brasileiros — que chegaram a ter 30% do público — iam bem nos cinemas populares do centro, ou nas cidades do interior, e foram justamente esses que fecharam, enquanto abriam cinemas em shoppings. Além disso, o preço do ingresso triplicou nos últimos anos, o que fez com que o cinema — como tudo no Brasil — se tornasse algo de acesso restrito a uma pequena parcela, que é justamente aquela que está mais condicionada pelo cinema americano, por enlatados, e que não tem abertura e disposição para ver outra coisa. Quando eu fiz "Capitalismo Selvagem", eu sabia que não tinha mais sentido fazer um filme para o público que viu "A Marvada Carne", porque esse público não existe mais.

Fernanda - Acho que está na hora de um "clac", uma sacação criativa como a que o Glauber teve nos anos 60 e fez o cinema brasileiro saltar do neo-realismo para uma coisa épica. Senti um cheiro dessa sacação no "Ilha das Flores", do Jorge Furtado...

Klotzel - O cinema brasileiro é maníaco-depressivo, como o próprio Brasil (risos). Ele alterna momentos de grande euforia com outros de depressão arrasadora. O Brasil é assim. Você pode ler no cinema o espírito do que está rolando. Se não houver um mínimo de auto-estima do país, o cinema brasileiro vai continuar em baixa.

Colaborou Otávio Dias, coordenador de Artigos e Eventos.

LEIA MAIS
sobre cinema brasileiro (pág. 5-6)

INDIFOLHA

"O BEIJO" É O FILME MAIS VELHO

Entre os brasileiros programados para 94

4 anos "O Beijo" (Walter Rogério)	
3 anos "O Corpo" (José Antonio Garcia)	
2 anos "Perfume de Gardênia" (Guilherme de Almeida Prado)	

Fonte: os realizadores.

Filme é retrato de um país inacabado

Da Reportagem Local

"Capitalismo Selvagem" não é um filme de sucesso garantido. Suas maiores virtudes — a sutileza e a ousadia — com certeza vão incomodar não poucos críticos e espectadores.

Em seu segundo filme, em vez de fazer confortavelmente um "A Marvada Carne 2" (propostas não faltaram), André Klotzel resolveu mergulhar na perplexidade do momento social e cultural brasileiro. Fez um "Macunaíma" às avessas: se o herói sem caráter de Mario de Andrade vinha da selva para a civilização, o anti-herói de "Capitalismo Selvagem", o em-

presário Hugo Assis (José Mayer), faz o caminho inverso. Ambos têm em comum justamente a falta de caráter, não tanto no sentido moral, mas no de identidade, que é o que eles buscam em suas trajetórias singulares.

É possível dizer que o filme é um exercício de linguagem em torno dos vários sentidos da expressão "capitalismo selvagem". O capital e a selva — os grandes dados com que o Brasil está condenado a trabalhar sua identidade e seu futuro — se confrontam e se acasalam de modos diversos ao longo da obra. O gênero escolhido como referência foi o melodrama — mais especificamente a

telenovela, o formato melodramático brasileiro por excelência.

Mas Klotzel nem adere ao melodrama, nem o parodia abertamente. Seu jogo — muito mais arriscado — é o de criar expectativas no público — dramáticas, políticas, estéticas — para frustrá-las em seguida. Há quem considere falha grave a diversidade da interpretação dos atores — José Mayer e Adilson Barros mais realistas, Marisa Orth e Marcelo Tas debochados, Fernanda Torres com um pé em cada canoa —, mas o efeito perturbador dessa heterogeneidade está plenamente integrado ao retrato (um país?) inacabado, atordoado, perplexo. (JGC)

Folha promove debate

Da Coordenação de Artigos e Eventos

A Folha promove amanhã, terça-feira, às 21h, a pré-estréia do filme "Capitalismo Selvagem", de André Klotzel, um dos poucos filmes brasileiros de 1992/93. No elenco, estão Fernanda Torres, José Mayer, Marisa Orth e Marcelo Tas, entre outros. A exibição gratuita acontecerá na sala Cinemateca, na rua Fradique Coutinho, 361, Pinheiros (zona oeste).

Após a sessão, haverá um debate com as presenças do empresário Emerson Kapaz, coordenador do PNBE (Pensamento Nacional das Bases Empresariais), de Marcos Terena, fundador da União

das Nações Indígenas e articulador dos direitos indígenas junto à ONU (Organização das Nações Unidas), de Walter Negrão, autor de novelas, entre elas "Top Model" e "Fera Radical", e André Klotzel, diretor de "Capitalismo Selvagem" e "Marvada Carne". O cineasta e colunista da Folha, Arnaldo Jabor, será o mediador.

Os convites para a pré-estréia estarão à disposição dos leitores a partir das 9h de hoje, segunda-feira, na portaria do jornal. O endereço é al. Barão de Limeira, 425, Campos Elíseos (região central). Cada pessoa poderá retirar dois convites.